

## **O Guia Brasileiro de Sinalização Turística de 2001: um olhar do Design da Informação para a atualização do material de orientação turística** *The Brazilian Guide of Tourism Signage, published in 2001: an Information Design perspective for updating the tourism guidance material*

Diego Sombra Montenegro & Paulo Jorge Alcobia Simões

sinalização, turismo, design da informação, guia brasileiro de sinalização turística

Este artigo apresenta uma reflexão sobre o Guia Brasileiro de Sinalização Turística a partir de uma perspectiva do Design da Informação. Criado em 2001 por iniciativa do governo federal, a publicação buscava impulsionar o mercado de turismo brasileiro por meio da regulamentação de um sistema de placas que facilitasse a experiência dos visitantes em cidades desconhecidas, em 2017 foi anunciado um projeto de atualização do material, mas que ainda não se concretizou. Por conta disso, este trabalho faz um levantamento bibliográfico através de estudos avaliativos de sinalizações de orientação turística em cidades brasileiras, e projetos que vem propondo novas alternativas a partir da visão estratégica do modelo. Dessa forma, buscamos contribuir para que as pesquisas em Design da Informação estejam integradas à discussão sobre a atualização do guia, defendendo uma participação dos designers para além da perspectiva mercadológica.

*signage, tourism, information design, brazilian guide of tourism signage*

*This paper presents a reflection on the Brazilian Guide of Tourism Signage through an Information Design perspective. Created in 2001 by the initiative of the federal government, the publication sought to boost the Brazilian tourism market by regulating a system of signs that facilitated the experience of visitors in unknown cities. In 2017 a project was announced to update the material, but has not yet materialized. As a result, this work uses a bibliographical survey of evaluative studies of tourist orientation signs used in Brazilian cities, and projects that are proposing new alternatives based on the strategic vision of the model. In this way, we seek to contribute to integrate the Information Design research into the discussion about updating the guide, defending a participation of designers beyond the market practice.*

### **1 Introdução**

A crescente complexidade do mundo atual nos provoca a repensar velhos conceitos e buscar novas respostas. Por conta disso, este artigo se apoia no Design da Informação para empreender uma reflexão sobre o Guia Brasileiro de Sinalização Turística, publicado em 2001 e com atualização prevista desde 2017. Esta proposta foi construída a partir de estudos e projetos que ajudam a pensar como o documento conversa com as diferentes configurações de turismo das regiões e cidades no Brasil, e quais modelos podem contribuir para a atualização do material.

Primeiramente apresentamos a metodologia de natureza qualitativa, onde foi possível combinar a pesquisa bibliográfica sobre o tema com a observação empírica, adquirida através da visita de alguns locais turísticos no país. Dessa forma, o olhar do turista que precisa se orientar nos lugares visitados, do pesquisador que vem estudando o assunto nos últimos anos, e do profissional que vem trabalhando com projetos de sinalização permeia todo o estudo.

Em seguida, desenvolvemos uma breve contextualização da criação do guia e de seu projeto de atualização. De iniciativa do governo federal, a publicação buscava impulsionar o mercado de turismo brasileiro através de um sistema de placas de orientação turística, regulamentando a sinalização em escala nacional e facilitando a experiência dos visitantes em cidades desconhecidas. Passados quase vinte anos, um novo contexto se apresenta, no qual

#### **Anais do 9º CIDI e 9º CONGIC**

Luciane Maria Fadel, Carla Spinillo, Anderson Horta, Cristina Portugal (orgs.)

**Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI**

Belo Horizonte | Brasil | 2019

ISBN 978-85-212-1728-2

#### **Proceedings of the 9th CIDI and 9th CONGIC**

Luciane Maria Fadel, Carla Spinillo, Anderson Horta, Cristina Portugal (orgs.)

**Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI**

Belo Horizonte | Brazil | 2019

ISBN 978-85-212-1728-2

enxergamos o Design da Informação como essencial para a discussão do projeto, e os designers como fundamentais na otimização de interfaces que mediam informações para os usuários.

Por fim, apresentamos algumas reflexões com base em estudos relacionados ao GBST e à sinalização turística. Trazemos uma análise dos elementos estético-formais regulamentados no documento, algumas pesquisas que avaliaram a aplicação destes preceitos em áreas turísticas, e projetos que repensam este tipo de comunicação. Assim, procuramos contribuir para refletir quais pontos positivos podem ser mantidos e o que poderia ser melhorado, visto que algumas cidades têm desenvolvido alternativas de sinalização mais atualizadas, que consideram uma visão estratégica do Design para a revitalização de destinos turísticos.

## 2 Metodologia

Através de uma abordagem qualitativa, a metodologia adotada neste trabalho se baseia na pesquisa bibliográfica para construir uma reflexão comparativa entre o material explicitado no guia e as discussões mais recentes sobre sinalização. Sustentando esta análise, exploramos o olhar do pesquisador enquanto designer e turista, que vem estudando e trabalhando com o tema ao longo dos últimos anos, mas também observando empiricamente as sinalizações turísticas de algumas cidades (por exemplo, em visitas recentes feitas a Belo Horizonte, Ouro Preto, Tiradentes, Rio de Janeiro, São Miguel dos Milagres, Maragogi, Salvador, Lençóis na Chapada Diamantina, entre outros).

Como a pesquisa segue em andamento, temos buscado informações sobre o projeto de atualização do guia junto ao Iphan (órgão responsável pela regulamentação e aprovação das intervenções). No entanto, a descontinuidade de muitas políticas públicas tem se mostrado um empecilho devido às trocas de governo no âmbito federal, sendo necessário aguardar o tempo das novas gestões. De forma a suprir tais contratemplos, e por se tratar de um projeto de abrangência nacional e natureza multidisciplinar, acreditamos que as discussões na academia através de encontros e congressos possam contribuir para este estudo, pois nos permitem dialogar com profissionais de outros estados que tenham interesse pelo tema.

## 3 O Guia Brasileiro de Sinalização Turística

O Guia Brasileiro de Sinalização Turística é uma publicação de 2001, desenvolvida por equipe multidisciplinar de técnicos da Embratur<sup>1</sup>, do Iphan<sup>2</sup> e Denatran<sup>3</sup>, que visa orientar os estados e os municípios quanto à forma adequada de sinalizar espaços e destinos turísticos. Como solução para os problemas de orientação recorrentes em todo o território nacional, o documento propõe um sistema padronizado de placas para unificar a sinalização e aproximar o modelo brasileiro ao implementado nos principais destinos turísticos mundiais. A padronização serviria para facilitar o percurso de veículos e pedestres em ambientes desconhecidos, instalando uma sequência lógica de placas ao longo da malha viária para conduzir o usuário ao seu destino, e também identificando bens culturais protegidos com informações acerca do universo e da natureza das atrações. Já a adequação do projeto ao modelo encontrado em outros países faz parte das estratégias de investimento para a exploração das ofertas turísticas, em um contexto de grande interesse econômico na promoção do turismo nacional.

O documento é dividido em cinco capítulos que contemplam conceitos fundamentais da sinalização de orientação turística, estudos preliminares, definição de estratégias, elaboração de plano funcional e projetos para usuários motorizados e para pedestres, bem como o detalhamento das placas, com ilustrações para facilitar o entendimento da metodologia adotada. A partir da elaboração dessas normas técnicas, buscava-se integrar o turista com a

<sup>1</sup> Sigla do Instituto Brasileiro de Turismo, autarquia especial do Ministério do Turismo do Brasil.

<sup>2</sup> Sigla do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, uma autarquia do governo federal que, após o fim do Ministério da Cultura, hoje está vinculada ao Ministério da Cidadania.

<sup>3</sup> Sigla do Departamento Nacional de Trânsito, órgão integrado ao Ministério da Infraestrutura.

paisagem visitada e impulsionar o desenvolvimento econômico e social das regiões de potencial turístico.

Desde então, cada vez mais o turismo vem ganhando destaque pela sua capacidade de gerar empregos e negócios, impulsionar a economia de regiões pouco desenvolvidas e atender ao consumo de lazer de brasileiros e estrangeiros. Devido sua dimensão continental, o Brasil é beneficiado por uma ampla variedade de atividades turísticas de acordo com a região e localização de suas cidades, por isso, os projetos de sinalização precisam prever uma análise e diagnóstico das situações existentes e características distintas dos lugares (como clima, fluxos, construções, público, fragilidades e outros).

Em 2017, após dezesseis anos da primeira edição, o governo federal através do Ministério do Turismo anunciou um projeto de atualização do guia, dessa vez em parceria com o Ministério da Cultura (Ministério da Cultura, 2017). O trabalho tinha como objetivo adotar premissas alinhadas com a evolução tecnológica ocorrida nas duas últimas décadas, pois, como apontado por estudos realizados pelo órgão, o tema "sinalização" tem sido um dos itens mais criticados por turistas nacionais e internacionais, destacando as informações pouco qualificadas e a inexistência de artefatos adequados que os sinalizem. Na mesma notícia, Marcelo Brito, diretor de articulação e fomento do Iphan, ressaltou a importância de adotar um padrão de sinalização que valorize os atrativos turísticos, estimule o processo de cidadania por meio da educação patrimonial sobre os bens materiais e imateriais da localidade e amplie a sua acessibilidade, seja física ou intelectual.

Assim, diante do aumento de fluxos turísticos cada vez mais globalizados, alguns dos desafios apontados para o projeto tem sido garantir direitos de acessibilidade, melhorar a mobilidade urbana e otimizar os sistemas de informação pública às tecnologias mais recentes. Embora o lançamento estivesse previsto para o fim daquele ano, a gestão encerrou suas atividades sem apresentar nenhum resultado do material. Por acreditar que o Design da Informação tem muito a contribuir para essa atualização, vejamos como tem sido discutido o assunto e como percebemos o contexto do Brasil quase vinte anos depois.

#### 4 O Design da Informação em um mundo complexo

Para Cardoso (2013), "todo artefato material possui também uma dimensão imaterial, de informação", em seu livro *Design para um mundo complexo*, o autor já antecipava sobre o conflito que vivemos atualmente: informação demais, conhecimento de menos. A medida que o mundo vai ficando mais complexo, parece que as pessoas se dispõem cada vez menos a tentar fazer sentido das coisas. Os profissionais de Design, ao dominarem meios que reduzem a complexidade cognitiva das mensagens, podem apresentar soluções úteis de projeto (Velho, 2007), que equilibrem informações, características do usuário e qualidades estético-formais.

De acordo com Bonsiepe (2013) "a maneira como dados e informações são apresentados têm um papel importante", para que a produção do conhecimento exista, por exemplo, é preciso que os resultados sejam organizados, apresentados e comunicados de forma apropriada e utilizando a tecnologia disponível. Através do Design da Informação é possível manipular dados em sua forma bruta, organizá-los e apresentá-los em uma interface coerente que permitirá a compreensão e tomada de ação por parte do usuário.

Enquanto área teórico-prática, o Design da Informação trabalha com conhecimentos da psicologia cognitiva, linguística, teoria da percepção, teoria da aprendizagem, semiótica e do design visual buscando transformar informações codificadas discursivamente em informações visuais, de forma a facilitar a recepção destas pelos indivíduos. No campo da sinalização turística, observamos que, através do desenvolvimento de sistemas padronizados, é possível contribuir de forma fundamental para facilitar o fluxo de visitantes em lugares desconhecidos, adequar a comunicação a padrões universais, integrar diferentes sujeitos em uma rede de fácil reconhecimento, impulsionar áreas de potencial turístico e valorizar bens naturais e culturais.

Mais do que comunicar algo dentro do universo do turismo, é necessário informar com segurança e qualidade, facilitar a assimilação da informação através da representação gráfica da linguagem, aspectos e normas importantes dos equipamentos e serviços. Neste sentido,

Ruschman (2005) reforça a necessidade de oferecer equipamentos tais como uma sinalização adequada e postos de orientação fixos ou móveis para o visitante. É, portanto, através de uma sinalização turística eficiente e segura, que os visitantes podem se informar, deslocar e orientar pelos diversos ambientes em que se encontram.

Assim como Cardoso (2013), reconhecemos que a crescente complexidade do mundo atual nos provoca a repensar velhos conceitos e a buscar novas respostas. Por isso, propomos a seguir, refletir sobre algumas características do Guia Brasileiro de Sinalização Turística, abordando estudos e projetos que nos ajudam a pensar como o material conversa com as diferentes configurações de turismo das regiões e cidades no Brasil, e que outros modelos podem contribuir para a atualização deste material.

## 5 Algumas reflexões

Passadas quase duas décadas da publicação do Guia Brasileiro de Sinalização Turística, este artigo busca refletir sobre a sinalização de orientação turística através de um olhar do Design da Informação. A proposta é fazer uma reflexão comparativa entre o material explicitado no documento e as discussões mais recentes sobre sinalização, tendo em vista as necessidades de atualização do guia apontadas pelo governo federal em 2017. Primeiramente, fazemos uma análise do papel dos elementos estético-formais nesta comunicação, apresentados na definição de sinalização de orientação turística:

É a comunicação efetuada por meio de um conjunto de placas de sinalização, implantadas sucessivamente ao longo de um trajeto estabelecido, com mensagens escritas ordenadas, pictogramas e setas direcionais. Esse conjunto é utilizado para informar os usuários sobre a existência de atrativos turísticos e de outros referenciais, sobre os melhores percursos de acesso e, ao longo destes, a distância a ser percorrida para se chegar ao local pretendido. (Brasil, 2001, p. 20).

Nesse sentido, observamos que o projeto considera o uso de placas como fundamental para a construção de uma rede de suporte aos visitantes. Produzidas em chapas de alumínio de 2mm, os artefatos funcionam como interface de mediação entre o usuário e as informações turísticas, que por sua vez são construídas através da manipulação de três elementos: mensagens escritas, pictogramas e setas direcionais (figura 1).

Figura 1: Elementos gráficos apresentados em placas regulamentadas pelo Guia Brasileiro de Sinalização Turística (usado com a permissão de Brasil).



Para as mensagens escritas foi previsto o uso de três famílias tipográficas: um conjunto de letras e algarismos próprios do projeto (série EM), o alfabeto *Frutiger Roman* e o alfabeto *Trajan*. As duas primeiras são expressões clássicas do estilo internacional, caracterizado pelo uso de tipos sem serifa, sendo adotadas nas placas das vias para comunicação de deslocamentos motorizados, identificando os atrativos turísticos, indicando sentido e distância. Já a família *Trajan*, um tipo com serifa e que transmite um caráter clássico, é utilizada para a comunicação com o pedestre, indicando rotas e informações históricas dos lugares. O texto deve ser produzido em vinil recortado ou serigrafia, dividido em blocos sempre que possível, com títulos ou subtítulos, ser sintético, interessante e sempre que possível vir acompanhado de ilustrações.

Os pictogramas foram criados de acordo com padrões e recomendações internacionais para sintetizar os tipos de atrativo turístico e de serviço auxiliar. Produzidos na cor preta sobre fundo branco, devem ser utilizados para complementar a mensagem textual, ser de fácil assimilação e reconhecimento universal. Graficamente privilegiam a síntese gráfica e o uso de formas geométricas para criar as representações de museus, igrejas, praias, patrimônios, praças entre vários outros. Além dos pictogramas, é previsto o uso de ilustrações que busquem despertar mais interesse do público, podendo ser mapas, desenhos, fotos e esquemas. Embora sejam reconhecidas as muitas vantagens do uso de ilustrações, o guia atenta para a necessidade de uma seleção cuidadosa e adequação ao tema proposto, sendo proibido o uso decorativo.

As setas cumprem uma função de indicar a direção a seguir para se chegar aos atrativos turísticos sinalizados. As dimensões são variáveis, em função do número de informações e da necessidade de visualização à distância, por conta disso existe uma gama extensa de modelos (principalmente as que procuram representar trajetos), sendo possível encontrar um padrão formal na adoção de setas relativamente volumosas, com preenchimento completo e cantos arredondados.

Não mencionado entre os elementos, mas que guarda grande relevância estético-formal e presente ao longo do guia, o uso de cores é um aspecto relevante, em que prevalece a utilização do fundo marrom. O modelo de placas marrons foi implementado no Brasil por meio do Denatran, faz parte de uma reconhecida e consagrada estratégia de sinalização indicativa de bens turísticos e patrimoniais empregada na maioria dos países. Aproveitando-se dessa assimilação internacional, a escolha visa facilitar a compreensão e identificação dos atrativos para visitantes de outros países e integrar o modelo brasileiro a uma "rede global" de sinalização, por assim dizer.

Podemos observar que, especialmente nas escolhas de pictogramas e de tipografia, o projeto de sinalização turística do GBST preserva uma relação direta com o estilo funcionalista que, desde o contexto de desenvolvimento industrial no Brasil, repercute em diversas searas (projetos gráficos, urbanismo, desenho industrial), e orientou a implementação do ensino de Design nas universidades no país. A crítica ao funcionalismo não é novidade, desde a obra de Papanek (como citado em Cardoso, 2013), a produção funcionalista é vista por muitos como ausente de valores humanos. É possível refletir que a linguagem adotada tende a neutralizar muitos significados próprios dos atrativos turísticos, resultando em uma aparência que pouco tem a ver com os contextos no qual são aplicados, mas que conversam essencialmente com valores e juízos ligados à nossa história do século passado.

São muitos os projetos de sinalização turística implementados e pensados de acordo com o Guia Brasileiro de Sinalização Turística, várias cidades procuram seguir as normas técnicas e orientações apontadas pelo material do governo federal, mas como a execução acaba sendo realizada, na maioria das vezes, por órgãos locais, algumas questões acabam aparecendo. Um primeiro exemplo está no projeto Sinaltur, organizado pela Agência Metropolitana da Baixada Santista (2005) e que visava fornecer uma sinalização turística para a região metropolitana. Como forma de facilitar a acessibilidade, gerar crescimento dos negócios voltados ao turismo e, conseqüentemente, a criação de uma política que potencializasse a geração de mais emprego e renda, o Sinaltur foi baseado nas orientações apresentadas no guia e lançado poucos anos depois, mas já apresentava peças diferentes das regulamentadas nacionalmente. Como podemos observar na figura 2, as placas traziam uma faixa branca na base, com uma marca de estrela para representar a figura política da região, e o nome do município na cor azul, misturando o padrão de comunicação nacional com uma tentativa de promover a ação da gestão pública municipal.

Figura 2: Placa de sinalização turística que mistura o modelo regulamentado no GBST com marca institucional e nome de município da Baixada Santista – SP (usado com a permissão de Agência Metropolitana da Baixada Santista).



Essa espécie de intervenção publicitária também aparece na pesquisa sobre a sinalização turística de Currais Novos, cidade de pequeno porte do Rio Grande do Norte onde o fluxo turístico é majoritariamente feito a pé. Para fazer uma análise daquele contexto, Nascimento e França (2017) utilizaram os princípios básicos apresentados no guia, entrevistas e pesquisa de campo, onde foi possível capturar fotos em que se vê propagandas anexadas às placas, provavelmente feito de forma irregular (figura 3). Na conclusão, os autores constaram que embora a sinalização utilizada atendesse a maior parte dos critérios indicados pelo GBST, fazia-se necessária a correção de falhas de continuidade e coerência, bem como a ampliação do número de placas, pois para contornar tais lacunas, muitos visitantes empregavam outras estratégias de informação (como a dica de parentes e amigos ou mesmo solicitar ajuda aos residentes).

Figura 3: Placa de sinalização turística em Currais Novos - RN (usado com a permissão de Nascimento e França).



Em outro estudo, Nogueira (2012) analisou a sinalização turística na cidade de Dourados, no Mato Grosso do Sul, no qual constatou diversas irregularidades na formatação, visibilidade, continuação e até ausência de placas, destacando a falta de planejamento e a precariedade de manutenção dos artefatos. Um fator interessante desta pesquisa é a preocupação com os aspectos de preservação do meio ambiente, imprescindíveis para que o turismo possa se integrar de forma harmônica com as demais atividades sociais e econômicas. Questão também observada na avaliação feita em Parnaíba, cidade do Piauí, onde Silva e Melo (2012) acrescentam a acessibilidade como um outro fator importante a ser pensado nesses projetos, pois devem facilitar o acesso dos visitantes, mas também considerar o papel dos moradores locais para a valorização dos atrativos turísticos de sua região. Estas análises nos provocam a pensar alternativas de sinalização que promovam a valorização e preservação destes lugares como patrimônios cultural e natural por parte de todos (profissionais, turistas e moradores).

Ao trazer estes exemplos, procuramos contextualizar como o modelo do Guia Brasileiro de Sinalização Turística vem sendo implementado e percebido em alguns campos de pesquisa. Relativamente bem discutido nas pesquisas da área de Turismo, não encontramos muito material de avaliação que ofereçam uma perspectiva do Design da Informação, o que representa uma oportunidade para o desenvolvimento deste artigo e uma tentativa de tratar do assunto no meio acadêmico, já que tanto no projeto de 2001 quanto na possível atualização do material, muitos designers profissionais devem estar envolvidos.

D'Agostini (2017) entende que há uma nova dinâmica da relação entre o homem e o ambiente, segundo o autor, o que presenciemos atualmente não é uma única necessidade por orientação e navegação, e sim, uma demanda por múltiplas informações com características diferentes, que deverão estar presentes em maior ou menor grau dentro dos espaços construídos. As pessoas continuam necessitando de informações seguras para tomar decisões de deslocamento, mas isso já não é o suficiente para atender a comunicação dos ambientes com seus usuários. Hoje, é preciso pensar a comunicação de um ambiente sob uma perspectiva multissensorial, em que se faz necessário um olhar sobre as características de seus usuários e como proporcionar a eles uma melhor experiência com as informações que um espaço construído pode oferecer. Nesse sentido, Simões (2017) acrescenta que:

A cidade e a sociedade que a habita, e o lugar, onde se transformam, sintetizam, mas também se heterogenizam crenças. Diversificam e apropriam-se de códigos arbitrários usados na cultura local. Assim ao esforço de homogeneização da comunicação para a orientação pública opõem-se invariavelmente, dirá que por compensação, uma outra energia mais vernácula, impregnada da cultura do local que a completa ou a desgasta. Ao esforço normalizador público opõe-se quase sempre um outro que tem necessidade de o recriar, não porque ele seja insuficiente, mas porque precisamente não individualiza. (Simões, 2017, p. 686).

Como observado, torna-se relevante ponderar a diversidade de nossas expressões regionais e coletivas, talvez pouco considerados na tentativa de regulamentação proposta pelo Guia Brasileiro de Sinalização Turística de 2001. Nesse sentido, um exemplo de sistema de sinalização alternativo vem sendo implementado na Praia de Iracema, em Fortaleza - CE. Para entender melhor este projeto, falamos com Alberto Gadanha, designer gráfico, professor e responsável pela área de Design no movimento de requalificação do bairro.

Empregado de forma estratégica, o Design tem direcionado desde a criação de uma marca para identificar visualmente a “nova Praia de Iracema”, até a implementação de uma sinalização para o espaço. Com foco no pedestre, defendendo um lugar amigável para o morador e para o visitante, e buscando aumentar a identificação das pessoas com o bairro, o sistema de sinalização vem sendo estudado e implementado em fases. A equipe envolvida é formada sobretudo por designers, por conta disso, segue uma metodologia relativamente espontânea e guiada pela prática projetual.

Inicialmente foi feito um levantamento do bairro para reconhecimento dos locais de fixação de cada estrutura, para isso foram utilizadas imagens de *software* Google Earth e caminhadas exploratórias. Em seguida, o projeto completo de sinalização prevê a instalação de três tipologias: mesas, placas direcionais e totens identificadores. A primeira mesa já foi instalada, está localizada em frente à Casa da Cultura Digital (ponto central do bairro), mas guarda pouca similaridade com o modelo regulamentado no Guia Brasileiro de Sinalização Turística (figura 4).

Figura 4: Mesa utilizada na sinalização da Praia de Iracema x modelo regulamentado no Guia Brasileiro de Sinalização Turística (usado com a permissão de Brasil).



Ambas as peças possuem estrutura metálica, mas se diferenciam bastante nos aspectos estético-formais. O protótipo desenvolvido para a mesa Praia de Iracema, por exemplo, possui uma base que remete às letras [I] e [R] da marca e um tampo com um mapa impresso e aplicado em adesivo, ilustrado com pictogramas próprios para representar os marcos visuais e textos resumindo um pouco da história de cada um. Enquanto isso, o modelo regulamentado no GBST, se caracteriza pelo pilarete e tubo cilíndrico sustentando a superfície curva, feita de chapa de aço, a proposta busca transmitir um ar de leveza para o artefato. Graficamente, a comunicação mantém os aspectos clássicos da linguagem do guia, utilizando tipografia serifada, mapas simplificados e mesmo esquema de cores presente nas placas. Assim, é possível identificar um nível de personalização maior na primeira, que foge da ideia de regulamentação presente na segunda.

Esse exercício de comparação não pretende fazer um juízo estético ou de viabilidade da reprodução de um modelo sobre o outro, pelo contrário, a ideia é contribuir para a discussão de possíveis caminhos de atualização das propostas de orientação turística. Porém, a medida que são admitidas novas estratégias e preocupações de Design que buscam integrar a comunicação visual ao ambiente, considerando aspectos culturais dos usuários e uma mediação da informação mais amigável, vemos que o modelo do GBST se mostra desatualizado. Por conta disso, vem se verificando uma sobreposição de novas alternativas de sinalização, o que, infelizmente, tem gerado um ruído visual que merece ser analisado caso seja desenvolvida uma renovação do material. Seria importante que a nova proposta considerasse a importância da fácil manutenção dos artefatos, fatores econômicos e sociais na adoção de materiais sustentáveis, a acessibilidade para visitantes e moradores para valorizar e preservar os patrimônios cultural e natural, uma interface amigável que ajudasse as pessoas a entender e aproveitar os espaços desconhecidos, entre tantos outros aspectos mencionados neste artigo.

## 6 Considerações Finais

O presente artigo buscou apresentar uma reflexão sobre o Guia Brasileiro de Sinalização Turística a partir de um olhar do Design da Informação. Para tanto, apoiou-se na pesquisa bibliográfica e na observação empírica para descrever uma conjuntura atual acerca do assunto. Utilizando-se de estudos avaliativos que trataram da produção regulamentada no guia, projetos que vem propondo novas alternativas de sinalização, e abordando autores que têm discutido a complexidade do mundo atual e o papel dos designers neste contexto, construímos um diálogo inicial que merece ser ampliado junto às diversas outras áreas e atores que estejam interessados no tema.

Passados quase vinte anos da publicação, um novo contexto se apresenta, no qual enxergamos o Design da Informação como essencial para a discussão do projeto, e seus profissionais como fundamentais na otimização de interfaces que mediam as informações para os usuários. Segundo Gibson (2009), os sistemas de sinalização em áreas públicas são parte

da infraestrutura, identidade de uma cidade, contribuindo para formação de uma narrativa pública do lugar. Por conta disso, acreditamos que os designers têm muito a contribuir, uma vez que, além de dominarem técnicas de projeto atualizadas, também possuem capacidade para discutir aspectos sociais, questões de sustentabilidade, acessibilidade, desenvolver avaliações e levantamentos científicos sobre o que tem sido feito e a aplicabilidade de determinadas estratégias que convergem com as demandas atuais da sociedade.

Vemos que ainda são poucos os estudos em Design da Informação que tratam sobre a sinalização de orientação turística. Temos encontrado mais facilmente na bibliografia de Turismo, onde muitos artigos apresentam o GBST como regulamentação e referência nos projetos avaliados. Por conta disso, acreditamos que o resultado deste artigo tem muito a contribuir para expandir pesquisas e estimular o diálogo também no campo acadêmico do Design da Informação.

A envergadura de projetos de sinalização turística ou urbana é um dos fatores de complexificação, pois além da quantidade de meios e recursos envolvidos cresce o esforço de coordenação entre diferentes áreas profissionais e com isso aumenta consideravelmente a complexidade. Acreditamos que as melhores soluções costumam vir do trabalho em equipe e em redes, por isso, a partir da análise do guia, esperamos dialogar com outros especialistas, de outros lugares e com novas abordagens teóricas e metodológicas para a sinalização. Busca-se, assim, o fortalecimento do Design da Informação enquanto campo teórico e prático, estratégico para o desenvolvimento de soluções assertivas na relação do usuário com o ambiente.

Espera-se obter com essa reflexão uma oportunidade de desenvolver ainda mais este projeto. Seria interessante reunir um grupo diverso com diferentes experiências em cidades do país para coleta de materiais que contribuíssem para a discussão. Acreditamos que a organização de um banco de dados com avaliações de sinalizações turísticas e o diálogo com as demandas locais podem contribuir para propostas de reformulação assertiva do Guia Brasileiro de Sinalização Turística.

## Referências

- Agência Metropolitana da Baixada Santista (2005). Manual de sinalização turística - relatório final, v. 3. São Paulo, 2005. 84 p. Disponível em: <<http://www.agem.sp.gov.br/midia/SINALTUR-Manual-de-Sinalizacao-Turistica-parte-1.pdf>> Acesso em jun. 2019.
- Brasil, G. F. (2001). Guia brasileiro de sinalização turística. Brasília. 164 p.
- Bonsiepe, G. (2011). Design, cultura e sociedade. São Paulo: Blucher.
- Cardoso, R. (2013). Design para um mundo complexo. São Paulo: Cosac Naify.
- D'Agostini, D. (2017). Design de sinalização. São Paulo: Blucher.
- Gadanha, A. (2019). Entrevista concedida a Diego Montenegro. Fortaleza, 21 jun. 2019.
- Gibson, D. (2009). The wayfinding handbook: information design for public places. New York: Princeton Architectural Press.
- Ministério da Cultura, A. C. (2017). MinC e MTur atualizam Guia Brasileiro de Sinalização Turística. In: culturadigital. Disponível em: <<http://culturadigital.br/mincnordeste/2017/01/04/minc-e-mtur-atualizam-guia-brasileiro-de-sinalizacao-turistica/>> Acesso em jun. 2019.
- Nascimento, F. A. L. & França, R. S (2017). Sinalização de orientação turística: discussão, normas, proposições e avaliação de sua disposição: o caso de Currais Novos/RN. In: Revista Turismo - Visão e Ação, v. 19, n.1, jan - abr. 2017. Disponível em:

Montenegro, D. S. & Simões, P. J. A. | *O Guia Brasileiro de Sinalização Turística de 2001: um olhar do Design da Informação para a atualização do material de orientação turística.*

<<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/9760/5492>> Acesso em mai. 2019.

Nogueira, F. V. (2012). Análise da sinalização turística nos atrativos turísticos da cidade de Dourado - MS. In: Revista Iberoamericana de Turismo, Penedo, v. 2, n. 2, p. 40-55, jul - dez. 2012, Penedo. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/587/438>> Acesso em jun. 2019.

Ruschmann, D. M (2005). Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente. Campinas, SP: Papyrus.

Silva, F. G. S. & Melo, R. S (2012). A contribuição da sinalização turística para o desenvolvimento turístico da cidade de Parnaíba (PI, Brasil). In: Revista brasileira de pesquisa em Turismo, v. 6, n.2, mai - ago. 2012, São Paulo. Disponível em: <<https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/488>> Acesso em mai. 2019.

Simões, P. A (2017). "Se Deus te assinalou algum defeito te encontrou" - o design e contributos para a sinalética urbana. In: Congresso Internacional Cidades Criativas, 5, O Porto. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6307917>> Acesso em jun. 2019.

Velho, A. L. O. L. (2007). O design de sinalização no Brasil: a introdução de novos conceitos de 1970 a 2000. Rio de Janeiro. 184 f. Dissertação de Mestrado – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

## **Sobre os autores**

Diego Sombra Montenegro, Mestrando, UFC, Brasil <[dgosombra@gmail.com](mailto:dgosombra@gmail.com)>

Paulo Jorge Alcobia Simões, Doutor, UFC, Brasil <[p08alcobia@gmail.com](mailto:p08alcobia@gmail.com)>